

Literatura, ética e existência humana: diálogo entre Guimarães Rosa, Heidegger e Paul Ricoeur

Literature, ethics and human existence: dialogue between Guimarães Rosa, Heidegger and Paul Ricoeur

João Elton Jesus

Mestrando em Ciências da Religião Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

joao.elt@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6690323448255726>

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar o impacto que a literatura, em especial os personagens da obra de Guimarães Rosa, Manuelzão e Miguilim, podem exercer sobre a *ek-sistência* ética do leitor. Para isso, a partir do pensamento de Martin Heidegger, apresentaremos a existência humana como algo dinâmico que abre para novas possibilidades. Em seguida, abordaremos uma ética que possa contribuir para a autorrealização e autoconstrução, enfatizando o cuidado com a existência e com o desejo. Por fim, inspirados em Paul Ricoeur debruçaremos sobre a importância da linguagem e poética, que através das inovações semânticas e heurísticas, move a imaginação do leitor e o auxilia na ampliação de horizontes éticos e existenciais.

Palavras-chaves: Ética. Literatura. Linguagem. Poética.

Abstract

This article seek to present the impact that literature, specifically Guimarães Rosa's characters in the book Manuelzão and Miguilim, brings about reader's ek-sistence ethics. Moreover, from the Martin Heidegger's thought, we will present a human existence as something dynamic, which opens new possibilities of existences. Hence, we discuss an ethic, which would contribute to self-realization and self-construction, emphasizing care, existence and desire. Finally, inspired by Paul Ricoeur, we will reflect on the importance of language and poetic that through the semantic and heuristic innovation draw the readers toward imagination and helps them to expand ethics and existential horizons.



Keywords: Ethic. Literature. Language. Poetic.

Introdução

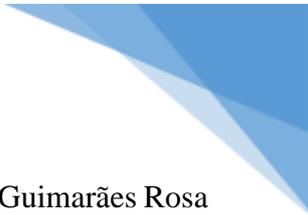
A Internet e os meios de comunicação móveis, tal como *tablets*, *smarthphones* e *notebooks* inovaram a forma de acessar os artefatos culturais humanos e, como consequência, interferem na forma como se acessa aos conteúdos literários produzidos. O livro de papel, muitas vezes é substituído por *ebooks*, aparelhos que simulam as páginas em telas eletrônicas.

Atualmente milhares de publicações são disponibilizadas em arquivos eletrônicos que podem ser acessados de qualquer lugar do mundo e em qualquer momento, de modo que bibliotecas inteiras podem ser carregadas no pequeno bolso das calças jeans. O mundo contemporâneo é o chamado mundo imagético. A humanidade do século XXI se vê mergulhada em um mar de informações quase impossível de abarcar.

Em meio à essa era da informação pergunta-se sobre a relevância e contribuição que os conhecimentos produzidos e publicados nas redes têm para a formação do homem em sua integralidade, no seu processo de conhecimento, na relação com os outros, enfim, na construção da sua existência humana.

A literatura nunca foi restrita apenas ao lazer. Mesmo sem ter o pretexto de instrumentá-la, ao transportar os leitores para outros mundos e realidades, o ato de ler amplia horizontes, leva o leitor aonde “fisicamente” jamais poderia estar, ajuda a questionar estereótipos, quebrar preconceitos, conhecer novas culturas, enfim, fazer-se novo nesse constante ato de fazer-se humano. Nesse sentido, podemos afirmar com Indursky (1985, p.56) que a produção de leitura “consiste no processo de interpretação desenvolvido por um sujeito-leitor que, defrontando-se com um texto, analisa, questiona com o objetivo de processar seu significado projetando sobre ele sua visão de mundo para estabelecer uma interação crítica com o texto”.

A existência humana é um advir e pode ser representada na literatura e reformulada constantemente através dela. O ato de ler, é, também, imaginar, e o imaginar é abrir-se para novas possibilidades. Por isso buscaremos nas próximas páginas verificar como a literatura pode representar e afectar a existência humana e contribuir para a construção de homens e mulheres mais plenos e mais éticos. Dessa maneira, primeiramente, a partir das proposições de Martin Heidegger, apresentaremos como o ser humano se faz, também, por meio da literatura.



Em seguida abordaremos a ética do cuidado vista sob o prisma e imaginário de Guimarães Rosa e, por fim, verificaremos, com a ajuda de Paul Ricoeur, como a literatura pode ajudar o ser humano em sua constituição como ser ético e cuidadoso.

1. A existência humana (aí-ser) que se faz (também) na literatura

A existência humana se dá no gerúndio, está sempre acontecendo, se factualizando, lançando o homem para um movimento de saída. Sempre no porvir, o existir humano não pode ser algo dado, determinado, condicionado, pronto, pois conforme afirma o pensador Italiano Gianni Vattimo (2006, p.71) “o ‘ser’ não ‘é’, mas ‘acontece’, advém”. Nesse sentido, o ser humano é um ser em construção que se faz a partir das suas relações consigo mesmo e com os outros.

Um dos grandes filósofos contemporâneos que buscou compreender a experiência humana de ser jogado na existência e estar em constante construção é Martin Heidegger (1889 – 1976). Nesse sentido é importante entender dois conceitos desse autor “o ser” e o “ente”. Para Heidegger (2012, p.41), em sua obra *Ser e Tempo*, “ente” é tudo o que é, podendo se manifestar sob vários aspectos como computador, casa, oceano, pequeno, faca etc. Assim, ente é aquilo que nos deparamos hodiernamente e procuramos conhecer, utilizar, fabricar, transformar. Segundo ele, o ente pertence ao âmbito do ôntico, das ciências positivas e é aquilo pelo qual o cientista se interessa. O ente se apresenta diversificado em regiões que traz uma multidão de entes, como por exemplo a arte, a linguagem e a história. Nesse sentido, o ente são as coisas e acontecimentos, suas relações em uma singularidade concreta e em suas características individuais.

Pertencente ao ontológico, o ser, não é o ente, mas um horizonte, um espaço no qual o ente se manifesta, sendo, portanto, condição de possibilidade da manifestação do ente como tal. O ser, que traz um caráter universal, diferentemente do conceito ou de generalização, é tudo aquilo que o ente é, pois as características que constituem um ente como tal se manifestam somente à luz do ser. Assim, podemos dizer com Heidegger (2012), que o ser é um *a priori*. Sua pré-compreensão se dá no contato do existente humano, pois o termo “ser” pode se denominar tanto o ser como tal, quanto o ser do homem, ser do ente intramundano, ser da linguagem. Assim, o sentido de ser é dado na compreensão que o ser humano tem dele, já que algo somente tem sentido na medida em que é compreendido pelo próprio homem.



Para Heidegger, em confronto com as concepções da filosofia clássica, o ser humano não pode ser visto somente sob o aspecto da racionalidade, mas deve-se levar em conta que o homem e a mulher são seres dinâmicos, um ser-aí, cuja existência está marcada pelas várias possibilidades de vir a ser, não está definida, vai acontecendo conforme vai existindo, trata-se daquilo que ele chama de *dasein*.

O Dasein ou a existência significam que nós não apenas somos, mas percebemos que somos, mas nunca estamos acabados, como algo presente. Não podemos rodear a nós mesmos, mas em todos os pontos, estamos abertos para um futuro e temos de conduzir a nossa vida. Estamos entregues a nós mesmos e somos aquilo que nos tornamos. (SANTOS, 2016)

Para Heidegger, o que distingue o ente ser humano, dos outros entes, é o fato que o ser homem ou mulher tem como característica fundamental a possibilidade de compreensão do ser. Por isso Heidegger utiliza o termo *Dasein* para designar o ser humano. Nesse sentido, a palavra alemã *Dasein*, que originalmente é definida como “existência”, passa a ser denominada por Heidegger não como um puro “*estar-aí*”, tal como podemos definir aos outros entes, mas um ser humano pensado na sua essência (*Wesen*), um “*aí-ser*”, um ser historicamente constituído e situado e que tem em sua constituição uma abertura e uma possibilidade de compreensão dentro do espaço luminoso do ser.

Para Macdowel (1993, p.55), o “*aí-ser*” é uma tradução mais exata do *Dasein* heideggeriano e significa o “*aí*” do ser, o lugar do ser, pois o ser do ente, o ente que compreende o ser, manifesta-se em um “*aí*”, que está inserido em uma história, em um contexto, em um tempo, em um espaço, em uma teia de relações. Segundo esse comentarista, o ser do “*aí-ser*” é uma existência, possui uma estrutura ontológica, uma existencialidade, sendo um ser que está *aí* diante, da vista, no mundo e em suas interpelações com os outros entes. Contudo o “*aí-ser*”, deve ser entendido, antes, como poder-ser, possibilidade aberta de ser.

Desta maneira, a determinação ou orientação de seu ser acontece essencialmente no próprio existir. A sua diferença em relação aos outros entes é a sua liberdade enquanto autodeterminação. Um dos traços constitutivos do “*aí-ser*” é a singularidade, já que a vida deste ser é dele. Ele tem a possibilidade de compreender a si e a outros entes, e, portanto, o seu “*aí-ser*” é intransferível e por isso é responsável por sua própria existência. Logo, aponta Macdowel (1993, p. 60), o “*aí-ser*”, é a sua própria compreensão. Ele é a sua vida, a sua história, que é sempre o que ele implicitamente compreende. Dessa maneira, o “*aí-ser*” é aquilo enquanto



compreende a sua vida. Nesse sentido, complementa Critelli (1981, p. 14) ao afirmar que para Heidegger, “o ser não é uma forma substantiva, mas verbal. Ser não é um substantivo, apenas o verbo ser na sua forma infinitiva. Ser é movimento; ser é sendo.”

Portanto, o termo *Dasein* caracteriza a existência humana como pura relação para com o ser. Traz a característica de ser ôntico-ontológico pois, o *Dasein* designado como o ser humano, é um ente que traz em sua constituição uma compreensão de “saber como” do ser, de modo que há no Ser e no *Dasein* um entrelaçamento. Assim há uma transcendência do “aí-ser”, que é o homem em sua direção à compreensão, não puramente cognitiva, mas do ser na sua verdade e/ou no seu sentido. Dessa maneira o “ser-aí” ou o “Dasein, é aquilo que ele pode ser. Ser, para ele, é poder ser este ente concreto, empenhado no mundo. [Ele é] capaz de ser aquilo que projeta ser, de sair de si próprio, de ek-sistir (...)”. (Pasqua, 1993, p. 36)

Dessa maneira, para Heidegger (2012, p.48), o “Dasein é abertura para ser e existir”. Trata-se de um transcender, ser para fora, lançado para fora. Para esse filósofo, é próprio do “aí-ser”, compreender a si. Logo o ser humano não pode ser indiferente ao seu ser e isso engloba o importa-se consigo, pois não se compreende como algo que já é, mas como algo que ainda tem de ser. Assim, o “aí-ser” é prioritariamente um poder ser, tem em si a possibilidade como característica de sua existência, nunca está acabado, está em projeto, que se seguirá até o fim que é a morte.

A possibilidade de se constituir é aquilo que vai proporcionar a singularidade do “aí-ser”, do ser humano. Nesse sentido, sendo abertura, o *Dasein* está “necessariamente em contato com as coisas e com o mundo” (LEITE, 2012, p.39). Nesse poder ser, enquanto vai se compreendendo e na sua relação dialética com os entes, a literatura aparece para o ser humano como um meio de ir se construindo e, portanto, constituindo a sua existência.

Dentre os grandes nomes da literatura mundial que conseguiram exprimir de forma magistral essa construção do “aí-ser”, do *Dasein* afirmado por Heidegger, está o escritor, médico e diplomata, Guimarães Rosa. Com suas narrativas das histórias de vida do homem, da mulher e das crianças do sertão, Rosa traz ao leitor uma bela fotografia da humanidade traduzida em palavras que vão narrando a história do ser humano.

É possível notar a significativa mistura dos níveis da realidade histórica, combinados nas profundezas do sertão, demonstrando como esse espaço se acha siderado pelos valores da cidade, que penetram fundo nos modos de vida onde parece que reina



apenas a natureza. (...) Considerado, pois, em seu conjunto, esse modo mesclado de caracterizar, com suas articulações sutis entre níveis distintos de representação da realidade, logo permite ver que estamos de fato diante de diferentes formas de narrativas misturadas, correspondendo no mais fundo a temporalidades igualmente distintas, mas coexistindo mescladas no sertão que é o mundo misturado. (MARTIN, 2010, p.70)

A abertura do homem para o ser e a construção desse a partir da sua relação com a existência, pode ser observada na obra *Manuelzão e Miguilim* de Guimarães Rosa. Em um trecho do livro há o encontro entre o pequeno Miguilim, menino da roça, simples e inteligente e o doutor José Lourenço, que visitava a família do garoto em meio a simplicidade do sertão do Brasil. Nesse contexto, Miguilim representa o ser-aí, lançado na ek-sistência “em meio a mãe, aos ‘meninos’, Tio Terêz, ‘todos’”. (ROSA, 1984, p. 105). Na narrativa, o médico entrega ao menino um par de óculos e ao colocá-lo, o garoto se percebe imerso no “rio” da existência banhado com as mais variadas cores, texturas, cheiros, sensações.

Miguilim olhou. Nem podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo...” (ROSA, 1984, p. 106)

Banhado nesse “ek-sistir”, o ser é um acontecimento que se diz na natureza, nas tonalidades, nas expressões, no mundo. Habitamos o ser e a existência é esse lugar onde vivemos. A nossa casa, o nosso *ethos*, é essa existência onde fomos lançados. É o ser acontecendo em nós, é quase como uma tenda que abrimos aqui, depois fechamos e instalamos em outro lugar. A narrativa mostra o quanto Miguilim, agora com os olhos verdadeiramente abertos, percebe o lugar aonde vai existindo.

E Miguilim olhou para os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longo, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutúm era bonito! Agora ele sabia... (ROSA, 1984, p. 108)

Todos afetam e são afetados por essa existência. Miguilim vai se percebendo com os outros: “mãe, os meninos, Tio Terêz, o Vaqueiro Salúz, o Vaqueiro Jé, o Grivo, a mãe do Grivo, Siarlinda e o Butisquinho, os enxadeiros, outras pessoas” (ROSA, 1984, p. 105). Em meio ao existir, Guimarães Rosa retrata o homem da cidade, do Curvelo, alto, claro, um “doutor” - tinha estudado - “tudo podia”. Ao lado do adulto, está o “pitícego” Miguilim, menino da roça, da natureza, da simplicidade do ambiente interiorano.



José se dirige ao menino, faz perguntas a ele. Miguilim tem seu coração batendo em descompasso diante da novidade que o outro trazia. Um interpelando o outro, um levando o outro a novas descobertas, ampliando horizontes e tendo o seu próprio existir alargado. Nesse contato, novas oportunidades se abrem. O contato com o outro de José Lourenço abre a Miguilim a possibilidade “de ir s’embora para a cidade (...) lá ele comprava uns óculos pequenos, entrava para a escola, depois aprendia ofício”. (ROSA, 1984, p. 106).

A relação com o outro, mesmo que, muitas vezes, conflituosa, proporciona um viver mais plenamente a existência, pois abre possibilidades. Diante da pergunta feita a Miguilim: “você quer mesmo ir?”, Guimarães Rosa apresenta a dramaticidade da existência: “Miguilim não sabia. Fazia peso para não soluçar. Sua alma, até ao fundo se esfriava. Mas a mãe lhe disse: - Vai, meu filho (...) vai. Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram...” (ROSA, 1984, p. 108).

Para Heidegger, o cuidado não é algo que temos, mas nos constitui pois nas relações que estabelecemos com o mundo, com as pessoas, vamos nos constituindo, vamos sendo um ser-com-o-mundo, um ser-com-os-outros, e ao cuidar dos outros, nessa com-vivência, também, “cuidamos de nosso quem, de ser quem somos, no lidar com o mundo, pois temos como tarefa e como questão ser nós mesmos. O cuidado é autêntico quando nele se assume a responsabilidade de cuidar de ser si mesmo. (BRAGA, 2017, p.71)

A mãe de Miguilim mostra o cuidado com a existência do filho. Deseja que ele também avance nas possibilidades de seu existir. A ética originária, para Heidegger é cuidado e responsabilidade, consiste em viver cuidando de si, do outro e do mundo uma vez que estamos habitados no ethos, no ser. “Mãe ia lavar o corpo de Miguilim, bem ensaboar e esfregar as orelhas, com bucha – ‘você pode levar também as alpercatinhas do Dito, elas servem para você”. (ROSA, 1984, p. 106). Antes, com seu carinho maternal, já tinha dito ao seu filho: “Miguilim, me abraça, meu filhinho, que eu tenho tanto amor...” (ROSA, 1984, p. 105).

2. Ética originária: cuidado da existência

A ação humana tem por objetivo o se realizar. Trata-se de um autoconstruir, um autoproduzir. O desejo é a lei, a energia que rege essa ação. Ao estar jogado na existência vai se percebendo e se percebe interpelado por essa existência a todo momento, batendo de todos os lados, provocando uma saída e essa provocação da saída é o desejo.



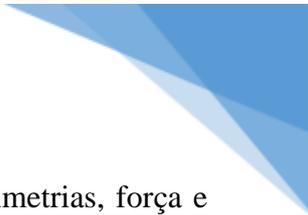
Para Heidegger, a disposição afetiva ou “modo de achar-se” é um modo de ser fundamental do “aí” do “aí-ser”. Trata-se de um fenômeno que, fazendo parte da experiência mais radical e corriqueira, se caracteriza pelos sentimentos ou tonalidades que assumem a nossa afetividade cuja expressão ôntica se constitui como a serenidade, o medo, o bom humor etc. A disposição afetiva não consiste em um conhecimento, pois é mais originária e abrangente do que esse. Para Heidegger, conforme aponta Macdowel (1993, p. 70):

Essa disposição afetiva é facticidade pois, colocada como carga que é imposta ao aí-ser, se apossa do aí-ser, patenteia a facticidade do aí-ser como um ser-no-mundo, com a carga de seu próprio ser, um ser-aí que é ser-no-mundo. Nesse sentido, o autor afirma que a disposição afetiva também possibilita a abertura, a receptividade do aí-ser ao mundo, pois serve como base no encontro do aí-ser e os entes intramundanos, sentindo e estando bem ou mal com o mundo no seu todo, tendo por essa disposição, os sentidos (visão, tato etc.) estimulados pelos entes intramundanos.

Diferentemente do compreender, a disposição afetiva possui uma dimensão ativa e criadora, pela qual o “aí-ser” é as suas possibilidades de ser. Dessa forma, o compreender, não confunde-se com um conhecer, mas trata-se de um revelador ao aí-ser de ser possível, de modo que o aí-ser passa a se compreender nas suas possibilidades de ser. Trata-se de um poder-ser, que, por sua vez, revela ao aí-ser que este não é um ser pronto, mas aberto a ser, aberto às possibilidades ontológicas que podem ser assumidas pelo aí-ser ou deixadas de lado por ele. Dessa forma, o aí-ser se compreende também como um projeto, que se apresenta dentro de um leque de opções, ainda que limitado, do aí-ser que é suas possibilidades enquanto possibilidades. “O Dasein não é um subsistente que possui além disso como dote adjetivo o poder de fazer algo, mas ele é primariamente ser-possível. O Dasein é cada vez o que ele pode ser e como ele é sua possibilidade”. (HEIDDEGER, 2012, p.409)

Dessa maneira, o desejo de mergulhar mais ainda nessa existência, causa uma disposição afetiva, de ir até o outro que também está inserido na existência. Desejo é uma insaciável busca, pois uma vez que encontra algo, essa coisa não mais satisfaz, pois vão aparecendo outras espécies de interpelações que fazem parte da existência.

Miguilim calçou as botina. Se despediu de todos uma primeira vez, principiando por Maitina e Maria Pretinha. As vacas presas no curral. O cavalo Diamante já estava arreado, com os estrivos em curto, o pelêgo melhor acorreado por cima da sela. Tio Terêz deu a Miguilim a cabacinha formosa, entrelaçada com cipós. Todos eram bons para eles, todos do Mutúm. (ROSA, 1984, p. 107)



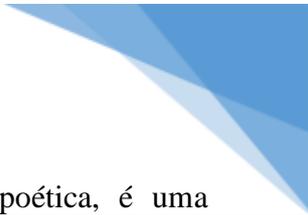
Tendo em vista que a existência é dramática, há nela contrários, assimetrias, força e poder, o que pode correr o risco de impor violência sobre o existir do outro. Assim, é importante a presença de uma moral, que nasce da própria existência. A moralidade está ligada à categoria de respeito (limites, interditos). Uma moral só tem espaço se tem a função *anciliar*, se está a serviço da ética originária, da autorealização, da autoprodução. No entanto, é importante ressaltar que para Heidegger a categoria ética está acima da moral, pois segundo esse autor, na ética originária, o pensamento do ser deve ser prioritário ao pensamento conceitual. Através da ética originária, acima de qualquer conceito ou moralidade, o ser humano passa a “reconhecer e assumir a finitude constitutiva do próprio ser-aí. E isso só é possível quando o ser-aí se ‘dispõe’ a ouvir o apelo silencioso e angustiado de seu ser-culpado. Aí sim, ele poderá ‘agir livremente’, ‘responsavelmente’”. (SALES, 2002, p. 48)

Assim, a moral não pode ser definitiva, está em constante reforma, não se fixa num conjunto pré-fixado em normas ou conceitos, pois ela parte da existência. A Moral tem que ser hermenêutica, ela tem que decifrar o tempo todo, as normas, das regras e as medidas. Ela deve cuidar para sair da assimetria e do risco de violência entre as existências. Por isso ela está como quem auxiliar a ética, e vai se fazendo conforme as relações que o aí-ser estabelece com os outros entes no horizonte do ser.

Miguilim toma a sério a existência, faz-se na ação, e, interpelado pelos outros, assume a sua finitude, a sua incompletude, o seu porvir e pastoreia o seu existir, o seu desejo, a sua busca de novas possibilidades. “Miguilim abraçava todos, um por um, dizia adeus até aos cachorros, ao Papaco-o-Paco, ao gato Sossõe que lambia as mãozinhas aseando. Beijou a mão da mãe do Grivo. – ‘Dá lembrança a seo Aristeu... Dá lembrança ao seo Deográcias...’ Estava abraçado com a Mãe. Podiam sair...” (ROSA, 1984, p. 108).

3. Ética e poética

Ao mesmo tempo que o ser está acontecendo, o ser também é da ordem da verbalidade, é um dizer originário pois só é possível existir enquanto se expressa, enquanto se é linguagem. É assim que o ser se dá como acesso ao outro e acessa o outro. Existir e se dizer é a mesma coisa, pois não se existe sozinho, pelo contrário, o ser-aí, tal como dissemos, se constitui em relação com os demais e esse relacionar-se se dá por meio da linguagem, da verbalidade, da ação de se dirigir ao outro e com-viver com os demais, fazendo e deixando se fazer.



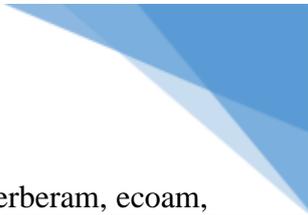
Segundo Heidegger, a exposição, e, portanto, a linguagem e a poética, é uma característica do compreender. Trata-se de uma elaboração ou uma explicitação das possibilidades projetadas do compreender, em que o compreender se apropria do compreendido. Nesse sentido, Macdowel (1993, p. 80) afirma que “a percepção do ente intramundano é essencialmente compreensão expositiva, pois, este já vem ao encontro como tal no contexto de um todo de referências patenteado, que é explicitado na exposição”. No pensamento heideggeriano, portanto, todo dito já é interpretado pois para ele, o próprio texto que deve ser interpretado já é o resultado de uma exposição da realidade compreendida à luz da tríplice estrutura “pré” de toda compreensão. Assim, toda compreensão do ente já acontece numa perspectiva hermenêutica, sob um aspecto determinado, como algo.

Para Paul Ricoeur (1913-2005), a linguagem originária se dá por meio da poética que faz uso dos símbolos, das metáforas, dos mitos e das narrativas. Ela deixa o dom do existir se dizer, falar, se expressar. Segundo esse pensador francês, “a poética, como o sugere a raiz grega do termo (*poiésis* = fabricação de alguma coisa distinta de seu autor), prende-se ao caráter produtivo de certas modalidades de discurso, sem se preocupar com a diferença entre a prosa e a poesia (versificada, rimada ou ritmada).” (RICOEUR, 1992, p. 30)

Com a literatura podemos afirmar que há um dizer e um dito. O dizer é aquilo que está se dizendo e o dito é o que foi fixado nos textos, que, por sua vez, não podem ser entificados, pois toda vez que se lê um texto, ele ganha vida nova e, a cada leitura, cada releitura, nova existência vai se fazendo. Para Ricoeur, a leitura faz com que a imaginação seja ativada e, para ele, “imaginar, em primeiro lugar, é reestruturar campos semânticos” (RICOEUR, 1989, p.218)

A ciência da poética, tem mais força que o dever, ela tem a intencionalidade de levar aquele que lê os textos a descobrir a novidade dos ditos e descobrir a novidade da própria existência. Nessa tensão, nessa anfibologia entre o que está se dizendo e o dito, a obra de Guimarães Rosa se torna uma oportunidade para o leitor perceber o novo em seu próprio existir, pois um texto, como o de *Miguilim e Manuelzão*, suscita algo no leitor que, por sua vez, volta-se para sua própria existência, provocando dois movimentos, que Paul Ricoeur chama de inovação heurística e inovação semântica.

A inovação semântica provoca uma expansão da linguagem no interior dela mesma. Ao ler o texto, as palavras vão ganhando novos significados. Isso acontece porque reanima



experiências anteriores do próprio leitor, pois os termos contidos no texto reverberam, ecoam, provocam naquele que o lê uma reanimação de experiências anteriores, despertando recordações adormecidas; irriga diferentes campos sensoriais, pois o leitor é cheio de sensações e de sentimentos.

É na experiência da leitura que surpreendemos o fenômeno de ressonância, de eco ou de reverberação, pelo qual o esquema, por sua vez, produz imagens. Ao esquematizar a atribuição metafórica, a imaginação difunde-se em todas as direções, reanimando experiências anteriores, despertando recordações adormecidas, irrigando os campos sensoriais adjacentes. (RICOEUR, 1989, p.219)

A riqueza de detalhes, de símbolos e de metáforas em *Manuelzão e Miguilim*, permite ao leitor compor as cenas onde desenrola-se a história. As pessoas têm nomes, rostos, descrições – Mãe, Tio Terêz, Rosa, Maria pretinha, os meninos – remetendo o leitor à sua própria família, às pessoas que conviveram com ele na sua infância, nos seus momentos de decisões, de dificuldade, de alegria e de mudanças.

Com a leitura de Guimarães Rosa, é possível imaginar com facilidade as formiguinhas andando no chão, os galos cantando bem cedinho, os bem-te-vis, os passo-pretos, o cavalo arreado, enfim, permite ao leitor se aproximar do ambiente interiorano, lembrar das suas experiências no campo, mesmo estando no meio de uma metrópole, causando sentimentos de paz, aconchego, um clima de simplicidade e silêncio, muitas vezes tão distantes da sua própria realidade.

A imaginação, segundo Paul Ricoeur, suspende, neutraliza o leitor, que entra num estado onde é paralisada a vida cotidiana na imediatez de onde se está, abrindo-o assim a um mundo de possibilidades. Nesse processo, surge um estado descompromissado, entra-se num mundo da livre-associação, das dinâmicas experienciais e afetivas que permitem entrar no mundo da ficção. No mundo ficcional, abrem-se novas capacidades desconhecidas de nós mesmos, pois a literatura desperta a imaginação, que por sua vez, se abre como “um jogo livre com possibilidades, num estado de não-compromisso em relação ao mundo da percepção ou da ação. É neste estado de não-compromisso que ensaiamos ideias novas, valores novos, novos modos de estar no mundo”. (RICOEUR, 1989, p.219)

O outro movimento realizado pelo texto, segundo Paul Ricoeur, é a inovação heurística, que permite ao leitor ver-se de maneira nova, possibilitando a mudança de suas referências de



mundo, nas relações com o outro e na compreensão de si mesmo; abre horizontes para descobertas do próprio existir com os outros no mundo.

As grandes unidades de discurso que a poética descreve fazem emergir um dinamismo da linguagem que se prende à sua função mais importante, ou seja, sua função de *mediação*: mediação *entre* o homem e o mundo, mediação *entre* o homem e o homem, mediação *entre* o homem e ele mesmo. Podemos chamar a primeira mediação de referência, a segunda de diálogo e a terceira de reflexão. O poder heurístico da linguagem se exerce nesses três registros da referência, do diálogo e da reflexão. A linguagem *muda* ao mesmo tempo a nossa visão do mundo, o nosso poder de comunicação e a compreensão que temos de nós mesmos. (RICOEUR, 1992, p. 31)

As existências éticas apresentadas no texto de Guimarães Rosa são de tamanha profundidade, afetivas e realistas, que é quase impossível ao leitor se manter impassível e não ser movido ou inspirado. José Lourenço existe e inspira como delicadeza ao tirar os óculos e pô-los em Miguilim, “com todo jeito”; a mãe do menino existe e inspira o leitor como carinho e dedicação ao “arrumar” sua roupa, abraçar o filho, lavar o corpo dele e lhe entregar as alpercatinhas; Tio Terêz existe como atenção quando presenteia o garoto com a cabacinha formosa, “entrelaçada com cipós”; o filho pitíctigo existe como gratidão, ao reconhecer o quão bons para ele eram todos do Mutúm e existe como coragem ao sair do seu mundo e ir em direção do desconhecido.

Na literatura, conforme podemos observar na obra de Guimarães Rosa, o contato do aÍ-ser, com o mundo literário, por meio das inovações semânticas e heurísticas, conforme apresenta Ricoeur, nos mostra que o “aÍ-ser” é um ser-uns-com-outros, estando sob a tutela e suas possibilidades de ser ditada pelos outros, ainda que seja esse outro uma relação literária. Tendo em vista que esses “outros” são indeterminados, irrepresentados e seu domínio é imperceptível, o a-gente pertence e reforça o poder desses “outros”. Assim, o aÍ-ser de início se compreende como a-gente, é ordinário, indeterminado, neutro e impessoal, não é um ou outro, não é algum, nem mesmo a soma de todos, é “a-gente” ou “todo-mundo”.

Isso acontece porque no cotidiano, o “aÍ-ser”, a partir da comparação implícita com os outros, busca diferenciar-se destes, definido aquilo que é a partir do que ele não é. Esse distanciamento pode ser uma busca de igualar-se com os outros ou se sobressair em relação a eles, de modo que o aÍ-ser depende dos outros, da opinião pública, no todo-mundo, que então, determina o modo de ser cotidiano do “aÍ-ser”.



Enfim, em cada palavra de Guimarães Rosa, o leitor é levado a refletir sobre a existência humana e sobre a sua própria existência e, assim, o “aí-ser” vai se fazendo em sua existência e na sua historicidade, iluminada pelo poder e movimentos causados pela literatura. Através de personagens simples, mas que mostra a riqueza de ser humano, o escritor mineiro coloca o sertão como palco do fazer-se mais pleno, mais humano, mais ético, de modo que o homem renovado, a partir desse mundo literário, possa de fato construir um melhor mundo real.

Considerações Finais

A literatura é um dos grandes artefatos humanos em que a humanidade se expressa e a partir dela adquire ainda mais humanidade. Guimarães Rosa, com sua sensibilidade de perceber a grandeza das pequenas coisas, conseguiu, como poucos, representar a existência humana em sua plenitude e, por isso, o leitor que seus textos têm acesso, não se mantém incólume após mergulhar no grande mundo construído pelo escritor mineiro.

Ao “viajar” pelo sertão, ao fazer parte da família de Miguilim, ao sentir o cheiro das plantas, a brisa do vento sertanejo e ao ouvir o canto dos pássaros do interior do Brasil, o leitor é convidado a ressignificar o mundo vivido no qual está inserido. Mesmo dentro de um apartamento em meio a selva de pedra das cidades, na praia, no campo ou nos lotados trens e metrô, aquele que lê é introduzido para outra realidade e com isso lhe são abertas novas possibilidades à sua existência.

Ética e poética estão ligadas, portanto, no sentido da compreensão de si. A literatura com seus textos, em especial *Manuelzão e Miguilim*, ajuda o leitor a, também colocar os óculos e ver melhor o seu mundo, compreender mais a si mesmo e isso permite um agir de forma diferente, constituindo uma nova identidade, uma nova ipseidade, assumir o seu Dasein, o seu “aí-ser”.

Um texto apresenta-se como uma alteridade, a própria identidade passa por uma diferenciação e um novo sujeito se forma. O leitor não é mais o mesmo, a identidade vai sendo construída na compreensão nova de si, desse si jogado na existência, em sua autopoiesis, em sua autoconstrução inserido no processo de buscar ser enquanto existindo.

Referências

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães, FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: Em Busca de Sentido para a Existência Humana. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica* - XXIII(1): 74-83, jan-abri, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf> Acesso em: 04.abr.2020.

CRITELI, D. M. *Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica*. (2. ed.). São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.

HEIDEGGER, Martin: *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.

INDURSKY, Freda; ZINN, Maria Alice Kaner. Leitura Como Suporte Para a Produção Textual. *Revistas Leitura Teoria e Prática*, Nº 5, 1985.

LEITE, I.V. Heidegger e a ética da responsabilidade: uma leitura possível. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/141112-2rnhg22Hu2n9Q.pdf>. Acesso em: 7 fev.2020.

MAC DOWELL, João A.: *A Gênese da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger*. São Paulo: Loyola, 1993.

MARTIN, V.L. O “mundo misturado” de Guimarães Rosa e Mia Couto. *Revista Mulemba*. Rio de Janeiro, v.1, n. 3, p. 68-74, jul./dez. 2010. Disponível em: http://setorlitafrika.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_3_6.pdf. Acesso: 7 fev.2016.

PASQUA, H. *Introdução à leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget.1993.

RICOEUR, Paul. *Do Texto à Ação. Ensaios de Hermenêutica II*. Trad.: Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, 1989.

_____, Paul. Poética e Simbólica. In: LAURET, Bernard, REFOULÉ, François (orgs.). *Iniciação à Prática da teologia*. Tomo I: Introdução, São Paulo: Loyola, 1992, pp. 29-48.

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SALES, Marcela Barbosa Leite. A questão da dimensão ética na analítica existencial heideggeriana. *Ágora Filosófica*, Ano 2, Nro. 01, jan/jun, 2002. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5222/5222.PDF>. Acesso em: 07.abr.2020.

VATTIMO, G. Adeus à Verdade. In: SCHULER, F. MACHADO, J. *Metarmofoses da cultura contemporânea*. Porto Alegre: Ed. Meridional, 2006.

Recebido: 02-10-2019

Aceito: 08-04-2020